

## Ciberativismo e Manifestações Sociais. O #vemprarua no Brasil<sup>1</sup>

Allan Cancian<sup>2</sup>

Paula Falcão<sup>3</sup>

Fábio Malini<sup>4</sup>

**Resumo:** Entre junho e julho de 2013, milhares de brasileiros foram às ruas para se manifestar e defender causas diversas. Grande parte do recente empoderamento da multidão no que tange aos protestos ocorreu em simultaneidade com a incorporação dos novos meios de comunicação. As novas tecnologias fizeram emergir outras formas de mobilização: pessoas comuns tornaram-se tecnologicamente aptas a serem narradores de sua própria história. Empoderada, essa multidão de indignados renega a passividade e luta para assumir um papel mais ativo na sua própria vida. Neste trabalho, analisamos a rede formada pela hashtag #vemprarua no Twitter. Para isso, capturamos 108.158 *tweets*, no período de 15 de junho a 15 de julho, e geramos grafos no Gephi a fim de facilitar a visualização e de identificar a interação dos atores dessa rede.

**Palavras-chaves:** ciberativismo, internet, colaboração, protestos, Gephi

### Multidão: Redes de Esperança e Indignação

Os recentes protestos que se espalharam pelas ruas de cidades de todo o mundo revelaram uma multidão que decidiu ir às ruas - e às redes online – para bradar por mudanças sócio-políticas. Segundo definição de Negri e Hardt (2005), a multidão consiste num grupo plural e múltiplo, não unificado. “A multidão designa um sujeito social ativo, que age com base naquilo que as singularidades têm em comum. A multidão é um sujeito social internamente diferente e múltiplo cuja constituição e ação não se baseiam na identidade ou na unidade, mas naquilo que tem em comum” (Negri e Hardt, 2005, p.140).

Castells (2009) defende que, nesses casos de espalhamento de protestos, as mensagens que costumam conquistar bastante aceitação popular são aquelas pautadas pela esperança e indignação. Tais debates são travados no âmbito do espaço público,

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Eixo 4 – Política, Inclusão Digital e Ciberativismo do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura, realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), email: allancancian@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). paulafalcaos@gmail.com

<sup>4</sup> Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Ufes

“espaço de interação social e significativo onde as ideias e os valores são formados, transmitidos, apoiam uns aos outros e lutam; o espaço torna-se, finalmente, o campo de treinamento para a ação e reação” (Castells, 2009, p.395).

Clay Shirky explica que “a participação em grupos apresenta tamanho grau de dificuldades e oportunidades que, sem um comprometimento emocional, muitos grupos seriam desfeitos à aparição do primeiro problema real” (Shirky, 2010, p.146). Pode-se afirmar, portanto, que o que mantém os grupos unidos são, principalmente, as emoções.

Seriam, portanto, a esperança e a indignação os disparadores da mobilização social? Para o pesquisador espanhol Javier Toret, os movimentos surgem não somente da corrupção de políticos ou da falta de confiança nos governos, por exemplo, mas também a partir de grande mobilização emocional - os movimentos “precisam de uma faísca, uma unidade de motor ou um gatilho que não é só material, mas fundamentalmente emocional, unindo-os” (Toret, 2013, p.33).

Para Negri e Hardt (2005), tudo o que a multidão critica, debate, pensa e idealiza colabora para a produção do comum, que acaba por instaurar novos conceitos e criar a identidade de uma manifestação social. Pierre Lévy (1994) aponta que os grupos revolucionários são auto-organizáveis, já que passam por exterioridades para se constituírem como tal. Para ele, tais grupos “realizam o ideal da democracia direta nas enormes comunidades em situação de mutação e desterritorialização” (1994, p.55).

## **Ciberativismo e Política na Rede**

O surgimento das novas tecnologias da comunicação e da informação (NTIC) estabeleceu uma nova lógica nos processos de produção e de difusão de conteúdo. A partir do momento em que a população adota o uso dessas novas ferramentas, ela se empodera e assume o papel de narradora de si própria – como uma alternativa aos meios tradicionais de comunicação. Segundo Shirky (2010), a internet possibilita um processo de colaboração, pois permite que muitas cabeças pensantes se reúnam a fim de cooperar com o processo de produção. Como afirma Howard Rheingold (2002), os usuários da internet possuem poderes próprios, pois podem divulgar o que querem e colaborar para produção de narrativas coletivas, diferente da relação que estabelecem com a chamada grande mídia, quando apenas recebem passivamente os conteúdos.

A prática de produzir relatos coletivamente faz com que as pessoas se reúnam em um grande fluxo de informação e cooperação a fim de promover, inclusive, movimentos sociais que extrapolam os limites da rede e transbordam nas ruas das cidades. Como explica Toret, surge “uma nova espécie de movimento social, caracterizado pela ocupação do espaço urbano através da utilização de tecnologias de comunicação, que permitem ampliar os sentimentos de indignação para quebrar o medo que paralisa os indivíduos e coordenar as ações coletivas” (Toret, 2013, p.18).

Por meio de ferramentas como Facebook, Twitter, Youtube e Vimeo, é possível fazer relatos em tempo real do que se passa nas ruas. Essa narrativa realizada por meio de ferramentas tecnológicas está intimamente ligada ao conceito de Tecnopolítica, que Toret define como “uso tático e estratégico das ferramentas digitais para a organização, comunicação e ação coletiva como um conceito-chave para compreendê-los” (Toret, 2013, p. 20).

Por meio do ciberativismo - que Sérgio Amadeu define como “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet” (2010, p.4) – dissemina-se cada vez mais questionamentos, opiniões e informações a respeito de problemas político-sociais. Os protestos de Seattle, a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street e o 15M na Espanha são alguns dos exemplos de mobilizações que utilizam a internet como forma de articulação e luta.

Esse confronto de ideias iniciado e/ou continuado na web em sintonia com as ruas, acaba por gerar uma espécie de antipoder que luta por reformas na política e resiste à opressão (Negri, 2003). Para Ignacio Ramonet, os movimentos sociais revoltosos que emergem nas sociedades são consequência da precariedade do Estado, ao deixar de garantir, muitas vezes, os direitos básicos da população. “Quando dissipa o sonho da evolução, volta o tempo das revoluções” (Ramonet, 1998, p. 120).

Castells (2012) defende que a existência do contrapoder ficou mais nítida a partir da internet, ao exibir a todo momento “a capacidade dos atores sociais para desafiar o poder embutido nas instituições da sociedade, a fim de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses” (Castells, 2012, p.22).

## Genealogia dos Recentes Protestos no Brasil

O ano de 2010 foi o marco inicial do levante da multidão que se observa até os dias de hoje em todo o globo. Em dezembro desse ano, teve início a Primavera Árabe, quando populações de países do Oriente Médio e do norte africano foram às ruas para se manifestar contra as tentativas de repressão e censura na Internet por parte dos Estados, as más condições de vida, além do desemprego e da injustiça política e social de seus governos. A partir daí, surgiu uma onda de revoltas a nível global. Na Espanha, o movimento intitulado 15M (devido à data de início, 15 de maio) tomou as ruas e praças com reivindicações que defendem uma democracia mais participativa. Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street de fato ocupou diversas cidades do país numa luta contra a desigualdade social e econômica, a corrupção e a indevida influência de empresas no governo do país. No Brasil não foi diferente. Em meados de 2011, com a realização das Marchas da Maconha, da Liberdade e das Vadias, já se anunciava que os brasileiros também estavam tomados pelo desejo de ir às ruas.

Em 2013, o estopim dos protestos teve à frente o Movimento Passe Livre (MPL), que desde 2005 luta pela redução na tarifa das passagens do transporte público em grandes centros urbanos como Florianópolis, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao longo desses anos, o MPL alcançou, em geral, apenas repercussão local, conseguindo êxitos pontuais como a redução de algumas tarifas, mas sem grandes transformações na política de mobilidade pública.

Em junho deste ano, a Prefeitura de São Paulo e o Governo do Estado anunciaram um aumento de R\$0,20 (vinte centavos) na tarifa do transporte público urbano. Estimulada pelos ideais do MPL, a população foi às ruas nos dias 6, 7 e 11 se manifestar contra o aumento, e foi recebida com truculência pela polícia. Nessas manifestações, alguns manifestantes e policiais ficaram feridos. A violência policial gerou indignação e, no dia 13 de junho os protestos começaram a se espalhar por outras cidades.

Em São Paulo, houve muita repressão policial, com vários manifestantes e, inclusive, jornalistas feridos. Houve também muitos casos de “detenção para averiguação”, em que manifestantes foram detidos por “portar vinagre” (substância que alivia o incômodo causado pelo gás lacrimogêneo utilizado pela polícia para dispersar os

manifestantes). A partir deste dia (13), o espalhamento da indignação fez com que houvesse um crescimento exponencial no número de participantes nas manifestações.

Essa revolta tomou as ruas de todo o país. No Rio de Janeiro, em alguns dias, as manifestações alcançaram 300 mil pessoas. Em São Paulo, 150 mil, e em Vitória, 100 mil. Entre os dias 17 e 21, houve protestos simultaneamente em várias cidades. Entretanto, a questão do transporte começou a sair de pauta, por ter sido atendida em vários municípios – alguns conseguiram a reversão do aumento nos valores do transporte público.

Por volta do dia 20 de junho, as manifestações tomaram outro caráter e passaram a ter temas menos focados na questão do transporte e causas cada vez mais heterogêneas, fazendo emergir pautas como as PECs 37 e 33, a “Cura Gay”, o Ato Médico, a Reforma Política e os gastos exorbitantes com a Copa das Confederações FIFA 2013 e com a Copa do Mundo FIFA 2014, além de várias outras questões locais e específicas de cada uma das cidades envolvidas nos protestos. No dia 20 de junho, houve um pico de mais de 1,4 milhão de pessoas nas ruas de mais de 120 cidades pelo Brasil<sup>5</sup>.

### Estudo de Caso: O #vemprarua no Twitter

Todos os dados para a formação da rede emergente em torno dos protestos no Brasil foram extraídos do Twitter a partir de um processo de mineração de dados. O primeiro passo foi a filtragem do material através do YourTwrapperKeeper, um software utilizado em servidores do computador para captura e armazenamento de dados da plataforma. Esse programa rastreia os tweets associados a uma determinada pesquisa, conforme os dados disponibilizados pelo usuário, para em seguida serem compilados em um arquivo geral, que pode ser de diversas extensões, como .csv, .html, entre outros.

Como se sabe, os protestos deste ano no Brasil reuniram diversas causas e, portanto, foram utilizadas muitas *hashtags*. Para este trabalho em particular, selecionamos a *hashtag* #vemprarua, que foi rastreada no período de 15 de junho até 15 de julho de 2013. A escolha pelo #vemprarua se deu como forma de tentar catalogar a maior parte das informações que as pessoas escreviam no Twitter sobre esse período, já

<sup>5</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_no\\_Brasil\\_em\\_2013](http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013). Acesso em: 15 de agosto de 2013

que essa foi a *hashtag* mais utilizada durante os protestos. Além disso – e talvez isso explique o porquê de esta ter sido a mais utilizada -, essa é uma *hashtag* mais geral, pois não trata diretamente de uma causa específica. Com os dados coletados em formato .csv, o passo seguinte foi separar esses *tweets* em dois diferentes arquivos: retuites (RTs) e menções (ATs). A separação dos RTs e ATs é feita através de um *script* processado na linguagem de programação ‘R’. Tal *script*, o “tweetgraph.R”, foi encontrado em um blog<sup>6</sup> e serve para extrair de um arquivo “Pipe-delimited” (tweets.csv) um documento de texto onde as informações sobre o *tweet* (texto, hora, local, dispositivo, etc.) são separados pelo símbolo | (*pipes*).

Ao total, foram analisados 108.158 *tweets* – na soma entre *tweets* e retuites, o número é de 449.094. É possível analisar tanto os RTs quanto os ATs. Nesse primeiro momento do trabalho, optamos por estudar somente as redes geradas pelos RTs. As análises foram feitas com base em grafos exportados de um software denominado Gephi, uma plataforma open source interativa de visualização e exploração de vários tipos de rede e sistemas complexos.

Primeiramente, vale explicar o que é um grafo: essa teoria é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto, empregando estruturas chamadas grafos  $G(V,A)$ , nas quais  $V$  é um conjunto de objetos denominados vértices e  $A$  é um conjunto de pares não ordenados de  $V$ , chamado de arestas. Grafos são, portanto, redes expressas matematicamente, constituídas por um conjunto de pontos (chamados de nós) conectados por linhas (chamadas de arestas) que expressam uma relação entre esses nós. Freitas (2010) explica que, em grafos gerados a partir de redes sociais, os nós representam os atores e as arestas, as relações entre eles.

Graças ao Gephi, foi possível entender a trama que se formou no que se refere ao #vemprarua, quem são os principais atores, quem recebeu mais retuites, quem é mais central, quem consegue disseminar uma informação mais rapidamente, entre outros dados. De acordo com os objetivos deste trabalho, limitaremos o estudo às estatísticas de grau de entrada, modularidade, hits, centralidade de intermediação e centralidade de autovetor.

<sup>6</sup> <http://blog.ynada.com/339>

## 1. Modularidade

A primeira estatística aplicada ao grafo do #vemprarua foi a modularidade, também denominada de estrutura de comunidade. Essa métrica descreve a forma como a rede é constituída por sub-unidades ou comunidades, que podem ser definidas como um grupo de nós de um grafo que estão mais fortemente conectados entre eles do que a outro nó na mesma rede. Logo, valores altos de modularidades significam uma forte estrutura de comunidade.

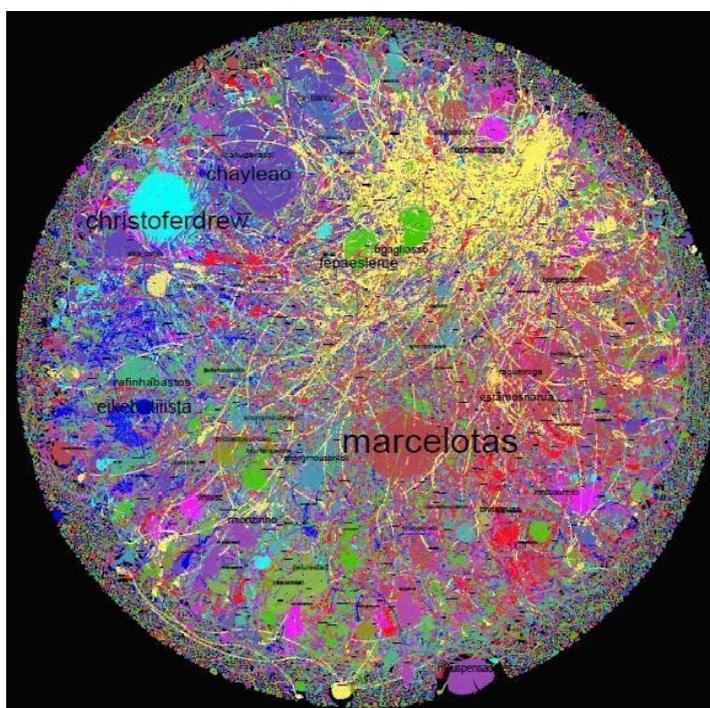


Figura 1: gerada a partir das estatísticas de Modularidade (representada pelas cores) e Grau de Entrada (representado pelo tamanho dos nomes, isto é, da legenda dos nós)

Na imagem anterior (Figura 1) observa-se a formação de múltiplas comunidades que se formam ao redor de figuras importantes na narrativa construída em torno do #vemprarua. Cada cor deste grafo representa a formação de uma comunidade e suas conexões – ou seja, a modularidade é representada pelas cores. A ligação entre esses nós se estabeleceu por meio de retuítes, constituindo, dessa forma, grupos com forte ligação entre si e que se mostram um importante canal de informação entre eles e toda a rede. No caso do #vemprarua, pode-se dizer que a comunidade mais destacada é a que tem cor vermelha na figura. O valor dessa estatística varia de 0 a 9119, que é a quantidade de

comunidades presentes nessa rede. O valor equivale ao número de comunidades formadas entre os nós a partir de suas arestas, ou seja, os RTs que esses receberam ou executaram.

Para gerar a Figura 1, além de aplicar a estatística de modularidade, utilizamos também a estatística de grau de entrada, já que os resultados da aplicação de uma, nesse caso, não interferem nos resultados da aplicação de outra. A seguir, explicamos a métrica de grau de entrada, a partir do mesmo grafo (Figura 1).

## 2. Grau de Entrada

A segunda estatística aplicada no grafo do #vemprarua foi a de grau de entrada. O grau de um nó ou vértice é dado pelo número de arestas que lhes são incidentes. O grau de entrada, especificamente, retrata quem são os mais retuitados da rede. Isto significa dizer que, ao aplicar a estatística de grau de entrada, descobrimos quais são os perfis que mais receberam RTs na rede do #vemprarua.

No grafo aqui produzido (Figura 1), além de aplicar as estatísticas modularidade e grau de entrada, aperfeiçoamos a apresentação dos dados com outras duas funções do Gephi: o tamanho dos nós e as cores dos nós e das arestas. Assim, aqueles que possuem os maiores nós são os que tiveram maior destaque nessa estatística, ou seja, foram os perfis que mais foram retuitados na rede #vemprarua.

Ao analisar o grafo, percebe-se que três perfis se destacam: 1- @marcelotas: jornalista e apresentador do programa CQC da Band; 2- @chayleao: ator da novela adolescente Rebelde e atual apresentador da MTV Brasil; 3- christoferdrew: ativista e músico folk estadunidense<sup>7</sup>. Além de outros menores, mas também evidentes: 4- @eikebatiiiista: perfil humorístico e *fake* sobre Eike Batista, empresário brasileiro com atuação nos setores de energia, petróleo e gás; 5- @fepaesleme: atriz brasileira; 6- @bgagliasso: ator brasileiro; e 7- @rafinhabastos: comediante brasileiro. Estes são, portanto, em ordem de aparição, os perfis que mais receberam RTs na rede #vemprarua.

## 3. HITS

<sup>7</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Christofer\\_Drew](http://pt.wikipedia.org/wiki/Christofer_Drew)

Essa métrica determina dois valores para uma página (ou nó): a sua autoridade e o valor de hub. Criado por Jon Kleinberg, esse modelo é baseado em uma estrutura de hyperlinks que permitem a interferência de autoridade e algoritmos que identificam páginas relevantes para tópicos de busca de caráter geral. Ou seja, essa métrica está relacionada entre as páginas (ou nós) que são autoridades sobre um tópico e as páginas que interligam essas autoridades, os hubs (FILHO, 2005). Os hubs são, portanto, aqueles que indicam para boas autoridades, enquanto as autoridades são as páginas pontuadas por muitos bons hubs (KLEINBERG, 1998).

Na rede formada pela hashtag #vemprarua após a mineração dos dados com o algoritmo HITS, selecionamos inicialmente para a análise a estatística de autoridade.

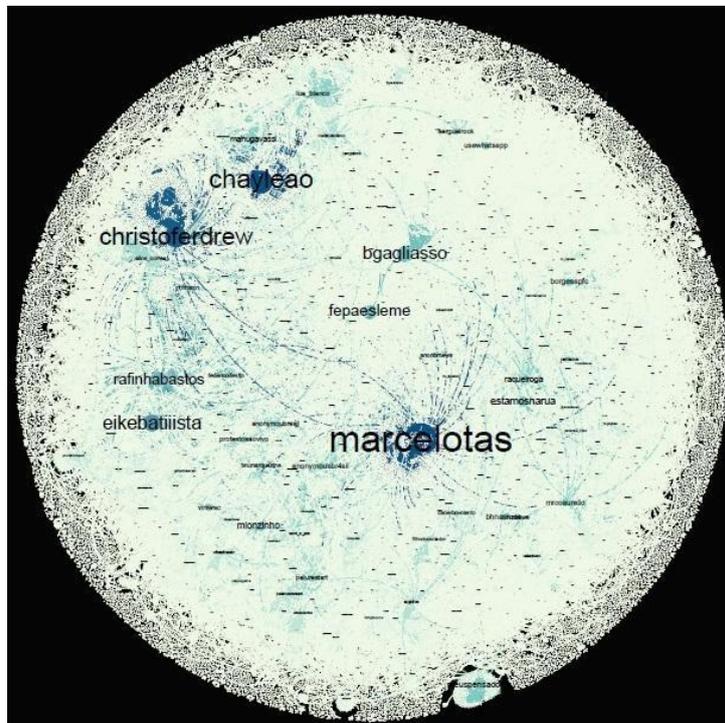


Figura 3: gerada a partir da estatística Hits, com a métrica de Autoridade. Cores e tamanhos dos nós representam as maiores autoridades da rede #vemprarua

Observa-se que as autoridades em torno do tema #vemprarua coincidem com os valores mais altos de grau de entrada. Portanto, percebe-se que os mais destacados são os mesmos nessas duas estatísticas: 1- @marcelotas, 2- @chayleao e 3- @christoferdrew. Além de outros menores, mas também evidentes: 4- @eikebatiiista, 5- @fepaesleme, 6- @bgagliasso e 7- @rafinhabastos. Como mostra a Figura 3, as cores e os tamanhos dos nós representam as maiores autoridades da rede #vemprarua. Dizer que esses perfis são

autoridades significa dizer que são os perfis cujas mensagens apresentam uma maior relevância e popularidade na rede.

Em seguida, analisamos os hubs dessa narrativa, gerando um outro grafo (Figura 4). Mas, dessa vez, encontramos um núcleo formado por outros tipos de perfis e que desempenham um papel diferente daqueles apresentados na métrica de autoridade.

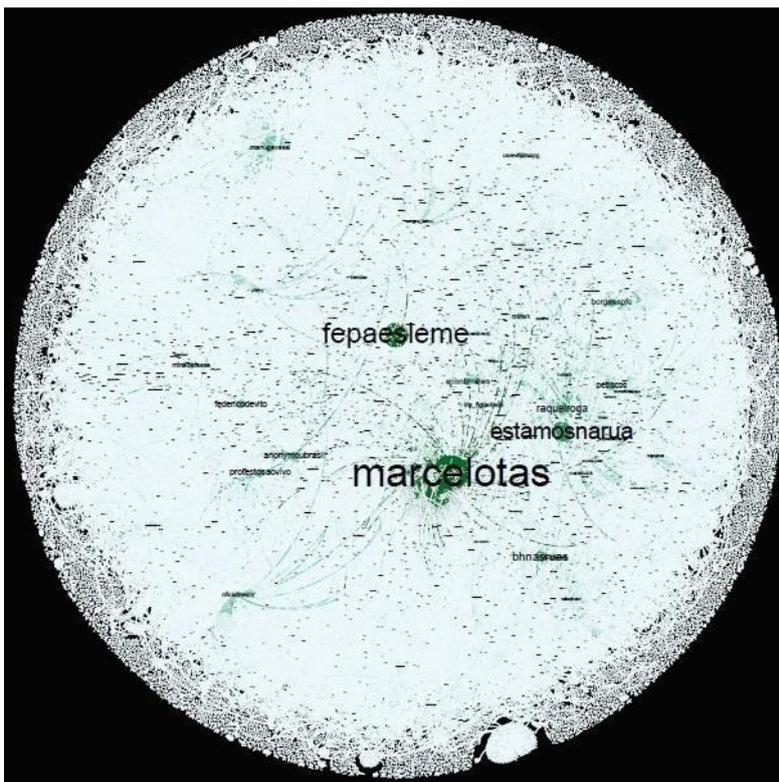


Figura 4: gerada a partir da estatística HITS, com a métrica de Hub. As cores e os tamanhos dos nós representam os maiores hubs da rede #vemprarua.

Os perfis 1-@marcelotas, 2-@fepaesleme e 3-@estamosnarua (perfil que, segundo sua bio, traz “informações sobre protestos no Brasil e no mundo. Somos mídia independente brasileira”) são, em ordem de aparição, os maiores hubs dessa rede – representados pelas cores e pelos tamanhos dos nós.

#### 4. Centralidade de Intermediação

O valor encontrado no Gephi para a centralidade de intermediação – conhecida no Gephi também com o nome de Betweenness - diz respeito à medida do potencial de um nó de servir como intermediário, ou seja, essa estatística demonstra o quanto um ator

facilita a circulação de informação numa rede. Segundo definição encontrada no próprio Gephi, essa estatística “mede a frequência com que um nó aparece nos caminhos mais curtos entre nós da rede”. Logo, pode-se dizer que quanto mais um nó for encontrado no menor caminho entre dois nós aleatórios, maior será a sua centralidade de intermediação.

Krebs (2006) explica que uma pessoa com uma maior centralidade de intermediação tem uma das melhores localizações na rede, mesmo que tenha poucas conexões diretas, ela exerce uma função importante, pois funciona como um porteiro em uma fronteira, permitindo ou não a entrada de conteúdo. De acordo com Silva (2010), a centralidade de intermediação atribui importância a um nó devido ao fato da passagem de fluxo por ele interligar outros dois nós da rede e disso ocorrer pelo menor caminho possível. Nesse caso, o nó com maior centralidade de intermediação é aquele que participa de maneira mais ativa em um processo de interação.

Observa-se também que um nó com centralidade de intermediação igual a zero (0) não é o caminho para nenhum outro nó na rede, ele encontra-se na extremidade da rede, logo seu valor é nulo. O nó encontra-se no grafo porque deu RT em alguém, mas não tem conexão com nenhum outro nó da rede. Na rede geral do #vempraruá, a partir dessa métrica, nota-se que os perfis que tiveram maior valor para a estatística de intermediação são 1- @Annabel\_lee: usuário(a) do Twitter, 2- @informerjo: segundo a própria bio do Twitter, “informações sobre o Rio de Janeiro, Denúncias, Trânsito, Desastres, Alagamento, Acidentes on time, full time!!!”; 3- @luckaz: Lucas Morais, jornalista; 4- @corneteirorj: perfil aparentemente anônimo que diz, em sua bio, “Vou cornetar tudo...Vou divulgar! Com muita ironia e sarcasmo...Tô falando que vou falar...”; 5- @celosantos: usuário do Twitter; 6- @querovoz: traz em sua bio a frase “2013: O ano em que o Brasil descobriu que democracia aqui é só um rótulo pra gringo ver! #VemPraRua! #AcordaBrasil”.

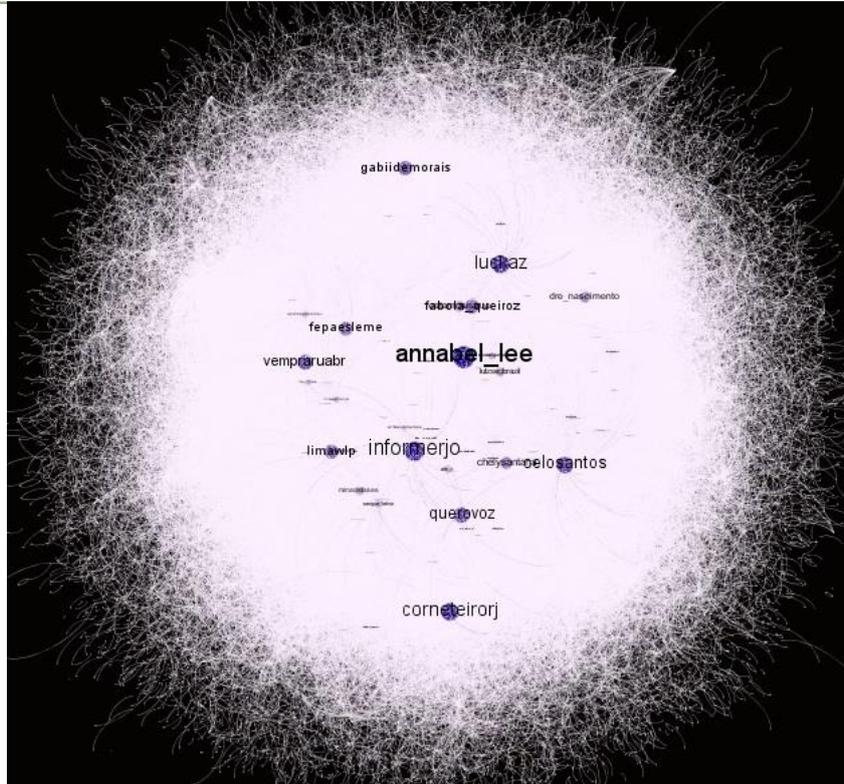


Figura 5: gerada a partir da estatística de Centralidade de Intermediação. Cores e tamanhos dos nós representam os atores mais intermediários desta rede

## 5. Centralidade de Autovetor

Nessa métrica, é possível encontrar os atores mais centrais, ou seja, aqueles que estão mais próximos dos demais, considerando-se toda a estrutura da rede. Aqui, a importância do nó é baseada em suas conexões. Segundo Silva (2010), se um nó está ligado a outros que se encontram em uma posição central na rede, esse ponto terá centralidade de autovetor elevada. O processo de centralidade aqui se dá a partir do outro, o que quer dizer que eu posso ter o valor de centralidade de autovetor alto, mesmo se a influência for apenas sobre um nó, porque esse nó está ligado a outros importantes, e assim sucessivamente.

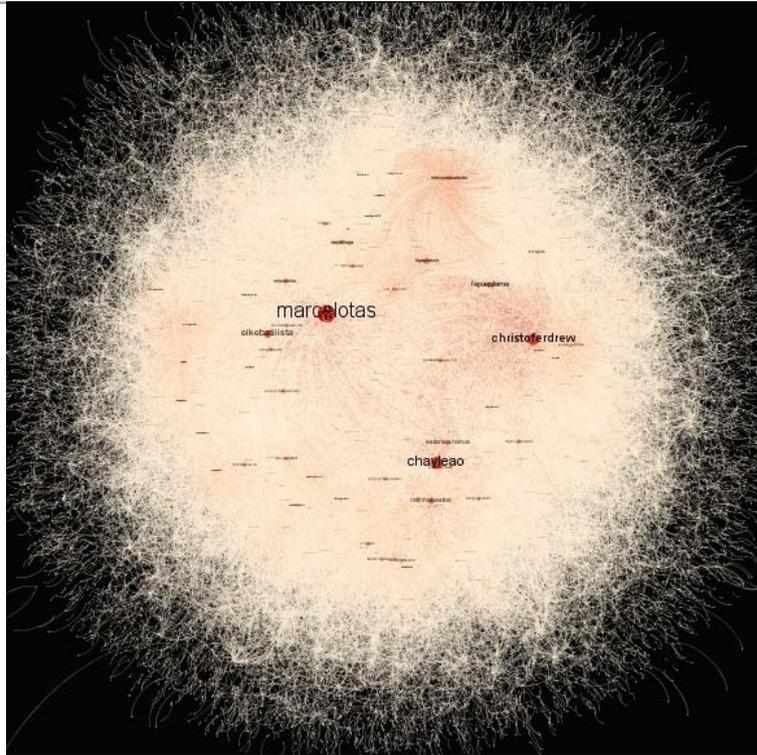


Figura 6: gerada a partir da estatística de Autovetor. Cores e tamanhos dos nós representam os atores com maior centralidade de autovetor

A rede constituída pelo #vemprarua apresenta, em sua grande maioria, perfis com centralidade de autovetor iguala zero (0), o que mostra que esses nós apenas indicaram outro nó e não receberam nenhuma indicação. Ou seja, eles deram RT em algum outro nó que exerce um papel relevante na rede, tendo um grande número de conexões.

No núcleo desse grafo, entretanto, perfis de alto valor de grau de entrada e autoridade voltam a aparecer. Aqui, o nó mais central é o @marcelotas, em seguida, 2- @chayleao e 3- @christoferdrew. A aparição desses perfis com alto grau na estatística de centralidade de autovetor deve-se à característica de PageRank<sup>8</sup> desse algoritmo, ou seja, sua centralidade é mais alta do que a dos demais nós, pois eles são citados por usuários mais citados.

<sup>8</sup> Sistema algorítmico que dá peso numérico a elementos hiperligados, como as páginas da Internet, com intuito de medir a importância de cada “nó” no grupo por meio de um motor de busca. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/PageRank>

## CONCLUSÃO

As Diretas Já e os protestos pelo impeachment do então presidente Fernando Collor são exemplos de momentos recentes da história do Brasil em que a população foi às ruas para evidenciar suas reivindicações. Basta conhecer minimamente a história do mundo e do país para enxergar um fato inegável: os movimentos sociais sempre existiram. Mas, se nos casos citados a construção das narrativas era feita majoritariamente pela grande mídia - o que fazia com que a opinião pública enxergasse o mundo pelos filtros das tradicionais empresas de comunicação -, hoje em dia os cidadãos assumem o papel de narradores de suas próprias vidas. Deixam de ser apenas passivos receptores de conteúdo e passam a ser mais ativos no processo de produção de relatos.

Isso é possível graças à incorporação de novas tecnologias por parte da população. E, com essas inovadoras formas de se contar a própria história, emerge um novo modo de protestar. Nos protestos atuais, a grande maioria da narração tem sido feita pelos cidadãos, munidos de seus telefones celulares, notebooks e internet. Com isso, a narração da história passa a ser coletiva, fazendo com que a rede de indignação e esperança – como denomina Castells (2012) - se alastre com mais fluidez pelos mais variados extratos da sociedade.

Esse tráfego de informação e conteúdo tem como importante motor a mobilização emocional, pois é a partir da emoção que os grupos revoltosos se unem e permanecem interligados. Isto significa dizer que o gatilho dos movimentos sociais não é apenas material, com causas concretas, mas também – e talvez principalmente – imaterial, no âmbito das emoções que movem o fluxo de colaboração e compartilhamento nessa rede de indignados.

Neste trabalho, identificamos que grande parte dos atores sociais destacados na rede do #vemprarua no Twitter é constituída por figuras públicas, como Marcelo Tas, Chay Suede e Fernanda Paes Leme. Entretanto, ao buscar os maiores intermediários de fluxo de informação desta rede (Figura 5), nos deparamos com cidadãos comuns munidos de grande poder para realizar o tráfego de informações. Ao que parece, as figuras públicas contam, especialmente, com seu prestígio popular para assumir papéis importantes na

rede. Já os cidadãos comuns contam com suas próprias emoções e com a mobilização que elas têm o poder de constituir.

## BIBLIOGRAFIA

AMADEU, Sérgio. **Ciberativismo, Cultura Hacker e o Individualismo Colaborativo**. São Paulo: USP, 2010

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza, 2009.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignación y Esperanza**. Madrid: Alianza, 2012.

FILHO, Francisco Benjamin. **XHITS: Estendendo o algoritmo hits para a extração de tópicos na WWW**. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: [http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=7081@1&msg=28#](http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=7081@1&msg=28#). Acesso em: 12 de agosto de 2013.

FREITAS, Leandro Q. **Medidas de centralidade em grafos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

KREBS, Valdis. **La vida social de los routes. Aplicando el conocimiento de las redes humanas al diseño de las redes de ordenadores**. REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales, ano 9, vol.11, 2006. Disponível em: [http://revistaredes.rediris.es/htmlvol11/Vol11\\_9.htm](http://revistaredes.rediris.es/htmlvol11/Vol11_9.htm). Acesso em 13 de agosto de 2013.

KLEINBERG, Jon M. **Authoritative Souces in a Hyperlinked Environment**. In Proceedings of the 9th ACM-SIAM, 1998. Disponível em: [www.cs.cornell.edu/home/kleinber/auth.pdf](http://www.cs.cornell.edu/home/kleinber/auth.pdf). Acesso em 11 de agosto de 2013.

LEVY, Pierre. **Inteligência Coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998

NEGRI, Antonio. **5 Lições Sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005

RAMONET, Ignacio. **Geopolítica do Caos**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes Inteligentes**. Barcelona: Gedisa, 2004

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

TORET, Javier. **Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida**. Barcelona: IN3. 2013